

# Funções do conector *and* em artigo da área de Saúde Pública: relações adverbiais e direcionamento argumentativo

(Functions of *and* in a paper in the area of social service: adverbial relations and argumentative direction)

Aparecida Feola Sella<sup>1</sup>, Clarice Cristina Corbari<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

afsella1@yahoo.com.br, ccorbari@bol.com.br

**Abstract:** This article discusses the functions of *and* in the article “Seven mistakes and potential solutions in epidemiology, including a call for a World Council of Epidemiology and Causality” (BHOPAL, 2009) in order to demonstrate how the apparent neutrality of this connector seems to be responsible for accommodating adverbial relations, which favor an oscillation of uses or functions of this element in the utterances. In addition, this study intends to demonstrate that possible interpretations of the relations established by *and* enable us to situate the functions of this connector within the interpersonal space, linked to the producer’s attitudes, judgments and motivations, as postulated by Halliday (1970) and Halliday and Hasan (1987). The interpersonal space is also linked to the listener’s or reader’s way of processing the text in an attempt to meet the producer’s expectations or intentions.

**Keywords:** Conjunction *and*; Adverbial Meaning; Interpersonal Function.

**Resumo:** Este artigo discute as funções do conector *and* no artigo “Seven mistakes and potential solutions in epidemiology, including a call for a World Council of Epidemiology and Causality” (BHOPAL, 2009), buscando demonstrar como a aparente neutralidade atribuída a essa conjunção parece ser a responsável pela acomodação de relações de teor adverbial, favorecendo uma oscilação de usos ou funções desse elemento nos enunciados. Além disso, este estudo busca mostrar que as interpretações possíveis diante das relações estabelecidas pelo *and* permitem situar seu funcionamento no âmbito do espaço interpessoal, ligado não apenas às atitudes, avaliações e motivações do produtor do texto, conforme postulam Halliday (1970) e Halliday e Hasan (1987), mas também ao processamento que o ouvinte ou leitor faz do texto buscando atingir as expectativas ou intenções do produtor.

**Palavras-chave:** Conjunção *and*; Teor Adverbial; Função Interpessoal.

## Introdução

Este artigo retrata parte de pesquisa acerca de funções exercidas por conectores em artigos científicos, com vistas a avaliar como relatos de experiência se apresentam em forma de dados a serem considerados pelos leitores para que haja concordância com os pontos de vista do produtor do texto. Deu-se especial atenção às porções textuais tomadas como acréscimo de informação, articuladas por meio do conector *and*, cujo funcionamento foi concebido a partir de pesquisas anteriores realizadas por Corbari (2005) e Corbari e Sella (2007) sobre o caráter adverbial da referida conjunção. Partindo do estudo de Quirk e Greenbaum (1987), que apontam para o caráter multifuncional da conjunção *and*, as pesquisas de Corbari (2005) e Corbari e Sella (2007) demonstraram que, além do sentido básico de adição ou inclusão do *and*, este conector pode estabelecer relações semânticas de diversas naturezas, tais como causalidade, sequência temporal e oposição, dentre outras.

As pesquisas acima aludidas também foram subsidiadas por Mateus et al. (1983), Camacho (1999), Neves (2000), Koch (2000), Guimarães (2001) e Garcia (2003), que perceberam fenômeno semelhante com relação à conjunção *e*, tomada aqui como, de maneira geral, equivalente ao *and*. Dentre as pesquisas mais recentes, destaca-se a de Penhavel (2005; 2006), que propõe a descrição e sistematização da multifuncionalidade do *e* conforme sua atuação como coordenador de termos e orações e como marcador discursivo, ou seja, o autor procura distribuir as ocorrências do conectivo entre o nível mais local da organização sentencial e o nível da articulação discursiva mais ampla e, em ambos, tratá-las conforme suas funções ideacionais e interpessoais. Embora o autor analise interações orais, nas quais o conector parece ser mais produtivo em suas múltiplas funções, seu trabalho pode auxiliar a análise de textos escritos.

Percebe-se, na maior parte dos estudos acima, que as ocorrências dessa conjunção suscitam um teor adverbial implícito diante do conteúdo dos enunciados conectados. Esse fenômeno revela a fragilidade da noção de “neutralidade” atribuída ao *and* em comparação com outras conjunções coordenativas. Ou seja: trata-se de uma neutralidade apenas aparente, característica que parece ser a responsável pela acomodação de relações de teor adverbial, as quais tendem a recobrir parte do sentido desse conectivo, favorecendo uma oscilação de usos ou funções desse elemento nos enunciados e textos.

A pesquisa aqui proposta, portanto, tem como mote principal relações adverbiais suscitadas pelo conector *and*, enfocadas como responsáveis por direcionamentos argumentativos, mesmo em se tratando de um grau menor. Para efeito de apresentação e exemplificação dos resultados, tomou-se como espaço de ilustração um artigo da área da Saúde Pública, na qual se busca divulgar conhecimento para conscientização da coletividade ou, no mínimo, de cientistas da área. Nesse sentido, o produtor do texto busca focalizar uma perspectiva analítica – pressupõe-se, portanto, teor argumentativo ou nível de modalização mais evidente, recorrendo-se a marcas linguísticas que denunciam pontos de vista, o que destoa, de certa forma, de textos de algumas áreas do conhecimento em que se busca promover maior isenção e objetividade.

As discussões estão apresentadas em duas partes: na primeira, são feitas algumas considerações acerca da atuação multifuncional do *and*, com base nas contribuições de Halliday (1970), Halliday e Hasan (1987), Quirk e Greenbaum (1987) e Schiffrin (1987); na segunda, são examinados alguns enunciados conectados por essa conjunção. Para melhor visualização dos comentários sobre a proposta de Quirk e Greenbaum (1987), procedeu-se à tradução dos enunciados.

É necessário informar que o objetivo deste artigo não é o de sistematizar as funções do *and*, mas o de, por meio de sistematizações por nós propostas, com base nos diversos autores já mencionados, verificar como esse conector pode funcionar em textos de caráter acadêmico-científico, que se diferenciam sobremaneira das interações face a face, em que os múltiplos sentidos e funções do *and* parecem ser mais evidentes.

### **As múltiplas funções da conjunção *and***

Halliday (1970) e Halliday e Hasan (1987) postulam três principais componentes funcional-semânticos do sistema linguístico, sintetizados a seguir: a) a função ideacional, que se relaciona à expressão do significado cognitivo ou conteúdo proposicional das sentenças,

isto é, à representação dos sistemas de conhecimento e crença e das experiências do falante; b) a função interpessoal, que diz respeito à expressão da representação que o falante elabora da situação de interação, refletindo suas atitudes, julgamentos, o motivo de se dizer algo etc., ou seja, é o espaço da constituição da interação social entre participantes; e c) textual, que se relaciona à mobilização dos recursos que a língua tem de criar texto, possibilitando ao falante construir passagens conectadas de discurso relevantes e coerentes a si mesmos e ao contexto ou situação.

No componente interpessoal, segundo a categorização de Halliday (1970) e Halliday e Hasan (1987), pode-se considerar também a elaboração da interpretação do ouvinte (ou leitor), ou seja, aquilo que o ouvinte elabora da situação de interação tentando capturar, interpretar atitudes, julgamentos e motivações do falante ou produtor ao dizer algo. O próprio termo ‘interpessoal’ já nos leva a essa interpretação, pois indica uma via de mão dupla, um processo *interlocutivo*.

Na perspectiva acima, o texto pode ser considerado espaço multifuncional, no qual se combinam significados ideacionais, interpessoais e textuais. A conjunção *and* pode atuar nesse espaço assumindo as três dimensões, isto é, pode estabelecer conexão entre dois ou mais fatos ou eventos (descrevendo um estado de coisas, por exemplo), ou estabelecer elo entre o que é dito e o modo como é dito (refletindo atitudes do falante, por exemplo), ou, ainda, pontuar processamento textual, funcionando como conector ou operador discursivo, argumentativo, pragmático ou retórico. O exemplo a seguir (QUIRK; GREENBAUM, 1987, p. 257) demonstra como a conjunção pode veicular relações semânticas estabelecidas no conhecimento de mundo ou numa dada perspectiva discursiva.

- (01) They disliked John – **and** that’s not surprising.  
[Eles não gostavam de João – e isso não é surpreendente.]<sup>1</sup>

No exemplo acima, o conector *and* liga um fato e um comentário ou avaliação do locutor sobre esse fato. Em outras palavras, conecta-se conteúdo proposicional (nível ideacional) à representação que o falante elabora da situação de interação (nível interpessoal).

Quirk e Greenbaum (1987, p. 257) propõem a inserção de conectivos de teor adverbial (*so, therefore, also, then* etc.) em sentenças com *and* para explicitar o valor semântico (embutido) do conector nos enunciados, como mostram alguns dos exemplos dados pelos autores, reproduzidos abaixo, que demonstram, respectivamente, os sentidos temporal, conclusivo e adversativo do *and*.

- (02) She washed the dishes **and** (*then*) she dried them.  
[Ela lavou os pratos e (*então, depois, em seguida*) os secou.]
- (03) He heard an explosion **and** he (*therefore*) phoned the police.  
[Ele ouviu uma explosão e (*portanto*) ligou para a polícia.]
- (04) He tried hard **and** (*yet*) he failed.  
[Ele tentou arduamente e (*contudo*) fracassou.]

Quirk e Greenbaum (1987) identificaram oito relações de sentidos estabelecidas por meio do *and*: causa e consequência, sequência temporal, contraste ou oposição, informação

<sup>1</sup> Todas as traduções apresentadas neste artigo são de nossa autoria.

e comentário, adversatividade, condicionalidade, similaridade tópica, e, obviamente, adição.<sup>2</sup> Seu trabalho, no entanto, permite estendermos esse tipo de análise para outros possíveis sentidos, e num nível mais amplo que a sentença, como fazem esses autores. Além disso, independente do sentido que o *and* assuma na porção textual em que está inserido, é preciso lembrar que ele sempre mantém o sentido básico de adição. O “exercício” de inserir conectivos de teor adverbial ao lado do *and* permite mostrar possibilidades de leitura, interpretações possíveis diante da conexão com *and*, o que leva a análise para o plano interpessoal, termo que usamos para fazer alusão à clássica categoria proposta por Halliday (1970), e Halliday e Hasan (1987).

Schiffrin (1987), ao analisar o *and* como marcador discursivo, simultaneamente às suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, verifica a sua atuação no mesmo ambiente que outros conectivos. Assim, a autora percebe que o *and* a) ocorre onde o *so* (causativo) pode ocorrer; b) separa uma conclusão geral de uma lista de eventos específicos, ou seja, eventos que descrevem atividades específicas, as quais propiciam terreno para uma afirmação atitudinal geral, que “soa” como uma conclusão; c) pode coocorrer com expressões temporais, dentre elas o conectivo adverbial *then* (SCHIFFRIN, 1987, p. 128-152). Embora Schiffrin analise a atuação do *and* em interações verbais, seus achados oferecem contribuição igualmente para a análise de material escrito.

Na perspectiva dos estudos aqui mencionados, o *and*, ao articular, implicitamente, relações de teor adverbial entre os enunciados conectados, fornece ao produtor do texto a possibilidade de se apropriar da aparente noção de neutralidade como uma estratégia de atribuir ao interlocutor/leitor a interpretação do teor adverbial, o qual seria sugerido pelo *and*, mas orientado pelo conteúdo das orações conectadas. Em outras palavras, a aparente neutralidade parece ser a responsável pela acomodação do teor adverbial oscilante de usos ou funções, o que rende ao leitor o papel de processar a leitura que mais se aproxima de suas expectativas. Um leitor menos ativo, digamos, ficará mais preso à noção de neutralidade ou de simples adição, enquanto um leitor mais perspicaz avaliará a conexão levando em conta a oscilação de sentidos, ou seja, sondará as possíveis interpretações de teor adverbial, buscando alcançar as expectativas do produtor quanto à interpretação do seu texto, ou mesmo traçar a que melhor atende aos seus objetivos de leitor.

### **Análise de alguns enunciados conectados pelo *and***

Para a análise aqui proposta, selecionamos o artigo “Seven mistakes and potential solutions in epidemiology, including a call for a World Council of Epidemiology and Causality”, de autoria de Raj Bhopal, publicado no periódico *Emerging Themes in Epidemiology*, em dezembro de 2009. Nesse artigo, o autor propõe indicação de sete erros cometidos pela área da epidemiologia e, ao mesmo tempo, sete possíveis soluções para esses erros. Note-se que o objetivo postulado pelo autor serve como mote inicial do teor argumentativo do texto.

Do *corpus* obtido, selecionamos, para a análise aqui proposta, um recorte, na tentativa de demonstrar como os sentidos do *and* estão condicionados pela progressão textual, o

---

<sup>2</sup> Os autores não nominam as categorias, mas apenas explicam as relações de sentido possíveis estabelecidos pelo *and*. As denominações usadas aqui (causa e consequência, adversatividade, similaridade tópica etc.) são de nossa autoria, baseadas nas explicações dos autores.

que pode render pouca oscilação de sentidos. Essa oscilação, no entanto, pode ser avaliada por basicamente dois tipos de leitor, constituídos de forma polarizada: a) aqueles que não observam oscilação do teor adverbial e nem mesmo os direcionamentos dados pela progressão textual aos enunciados; e b) aqueles que ou avaliam essas características ou tecem articulações mediante seus próprios propósitos, suas próprias intenções.

Para fins de visualização das formas de construção de espaços de adverbialização após o *and*, adotamos a estratégia de Quirk e Greenbaum (1987), como demonstram os exemplos (02), (03) e (04) anteriormente apresentados, de inserir, em parênteses e em itálico, conectivos ou porções textuais de teor adverbial. Ousamos até falar em manobras de modalização possíveis, caso os elementos entre parênteses (ou outros correlatos) tivessem sido realmente utilizados pelo produtor do texto.

O recorte selecionado para a presente análise corresponde ao primeiro enunciado do *abstract*, bem como ao primeiro parágrafo da introdução, em que o produtor do texto reelabora e expande o primeiro enunciado do *abstract*. Para fins de contextualização, reproduzimos abaixo parte do *abstract*.

All sciences make mistakes, and epidemiology is no exception. I have chosen 7 illustrative mistakes and derived 7 solutions to avoid them. The mistakes (Roman numerals denoting solutions) are:

1. Failing to provide the context and definitions of study populations. (I Describe the study population in detail)
2. Insufficient attention to evaluation of error. (II Don't pretend error does not exist.)  
[...]
7. Failure to utilise study data to benefit populations. (VII Establish a World Council on Epidemiology to help infer causality from associations and apply the work internationally.)  
Analysis of these and other common mistakes is needed to benefit from the increasing discovery of associations that will be multiplying as data mining, linkage, and large-scale scale epidemiology become commonplace. (BHOPAL, 2009, p. 1).

[Todas as ciências cometem equívocos, e a epidemiologia não é exceção. Escolhi 7 equívocos ilustrativos e deduzi 7 soluções para evitá-los. Os equívocos (com números romanos indicando soluções) são:

1. Não fornecer o contexto e as definições das populações em estudo. (I Descrever detalhadamente a população em estudo)
2. Atenção insuficiente à avaliação do erro. (II Não fingir que o erro não existe.)  
[...]
7. Não utilizar dados de estudo para beneficiar populações. (VII Estabelecer um Conselho Mundial em Epidemiologia para ajudar a inferir causalidade de associações e aplicar o trabalho internacionalmente.)

A análise desses e de outros equívocos comuns é necessária para beneficiar-se da crescente descoberta de associações que se multiplicarão, à medida que a mineração de dados<sup>3</sup>, a associação de dados, e a epidemiologia em larga escala se tornarem lugar comum.]

A composição do *abstract* mostra a disposição das informações pelo autor: primeiramente, uma afirmação de caráter geral, para dar a ideia ampla (o mote) do texto;

<sup>3</sup> Refere-se ao processo de exploração e análise de grandes quantidades de dados, com o objetivo de descobrir padrões ou regras que permitam uma melhor compreensão da informação contida nos mesmos (Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/data+mining>>. Acesso em: 7 set. 2010).

em segundo lugar, indicação do objetivo; na sequência, enumeração dos sete equívocos mencionados anteriormente, seguidos de soluções, entre parênteses; finalmente, após equívocos e soluções resumidamente apontados, um enunciado conclusivo, com orientações sobre a importância e implicações da análise de equívocos.

Destacamos, a seguir, o recorte que corresponde ao primeiro enunciado do *abstract*.

(05) All sciences make mistakes, **and** epidemiology is no exception.

[Todas as ciências cometem equívocos, e a epidemiologia não é exceção]

No primeiro segmento, *All sciences make mistakes*, há uma generalização, evidenciada pelo uso do elemento *all*. No segundo segmento, introduzido pelo *and*, focaliza-se a área em discussão, numa espécie de extensão ou confirmação da “validade” do que foi dito no primeiro segmento: *and epidemiology is no exception*. Parece tratar-se de uma estratégia de atenuação: a área da epidemiologia comete erros (e há o reconhecimento disso por parte do autor), mas não é a única a fazê-lo, ou seja, trata-se de um “atributo” compartilhado pelas demais ciências. O segundo segmento representa, portanto, conclusão “óbvia”, “lógica”, “dedutiva” do que foi dito no primeiro segmento, de modo que é possível inserir advérbio de teor conclusivo, como vemos no exemplo a seguir.

(06) All sciences make mistakes, **and** (*therefore / consequently*) epidemiology is no exception.

[Todas as ciências cometem equívocos, e (*portanto / consequentemente*) a epidemiologia não é exceção]

Porém, caso fosse objetivo do produtor do texto indicar reforço ou confirmação com relação à validade da asseveração feita no primeiro segmento, elementos de sentido mais enfático e que expressam maior grau de certeza por parte do produtor poderiam acompanhar o *and*, como vemos no exemplo a seguir.

(07) All sciences make mistakes, **and** (*obviously / of course*) epidemiology is no exception.

[Todas as ciências cometem equívocos, e (*obviamente / é claro*) a epidemiologia não é exceção]

Na sequência, enumeram-se, conforme já mencionamos, os sete exemplos escolhidos, cada um deles seguido da respectiva solução apontada pelo produtor do texto. Nesse sentido, o *and* pode revelar indicação catafórica, podendo ser interpretado da seguinte maneira:

(08) All sciences make mistakes, **and** (*as I will demonstrate below*) epidemiology is no exception.

[Todas as ciências cometem equívocos, e (*como vou demonstrar abaixo*) a epidemiologia não é exceção.]

A seguir, reproduzimos o primeiro parágrafo do artigo.

All sciences **and** scientists make mistakes, **and** epidemiology **and** epidemiologists (including this writer) are no exception. Epidemiological mistakes may maim **and** kill, **and** sometimes the toll can be massive. The contemporary exemplar of this is hormone replacement therapy (HRT), used by millions of women in the hope of reducing cancer **and** heart disease. Fortunately, the saving of life **and** health benefits arising from epidemiology, despite its mistakes, seem to outweigh the harm. The lives saved from epidemiological studies of tobacco, for example, possibly outweigh all our mistakes, **and** the information will save even more lives as tobacco control spreads globally, particularly in Asia. This judgment, however, needs **and** deserves quantitative evaluation. (BHOPAL, 2009, p. 1).

[Todas as ciências e todos os cientistas cometem erros, e a epidemiologia e os epidemiologistas (incluindo este escritor) não são exceção. Erros da epidemiologia podem mutilar e matar, e às vezes as perdas podem ser enormes. O exemplo contemporâneo disso é a terapia de reposição hormonal (TRH), utilizado por milhões de mulheres na esperança de reduzir o câncer e as doenças cardíacas. Felizmente, o salvamento de vidas e os benefícios para a saúde decorrentes da epidemiologia, apesar de seus erros, parecem compensar o dano. As vidas salvas a partir de estudos epidemiológicos sobre tabaco, por exemplo, possivelmente, superam todos os nossos erros, e as informações vão salvar ainda mais vidas à medida que o controle do tabaco se espalha no mundo, particularmente na Ásia. Esse julgamento, porém, precisa e merece uma avaliação quantitativa.]

Verifica-se que grande parte das ocorrências do conector *and*, geralmente vinculada a elementos menores que a oração, retrata sentido aditivo, inclusivo ou cumulativo, podendo ser-lhe acrescentado o advérbio de caráter aditivo *also*, de acordo com a proposta de Quirk e Greenbaum (1987). É o caso, por exemplo, de: (i) *sciences and (also) scientists*; (ii) *epidemiology and (also) epidemiologists*; (iii) *cancer and (also) heart disease*; (iv) *the saving of life and (also) health benefits*.

Embora a maior parte das ocorrências do tipo acima, no parágrafo sob análise, retrate relação basicamente aditiva ou inclusiva, podemos verificar que outros sentidos podem ser encontrados, mesmo quando *and* liga apenas elementos menores que a oração, como veremos adiante. Porém, quando atua entre orações ou enunciados, o caráter adverbializado do *and* é mais visível. Além disso, é em tais ocorrências que, de modo geral, dois atos de fala se unem para demarcar, por exemplo, constatação e justificação, asserção e ressalva, dentre outros.

Conforme já mencionamos, há uma espécie de reelaboração do primeiro enunciado do *abstract* no início do primeiro parágrafo do texto:

- (09) All sciences and scientists make mistakes, **and** epidemiology and epidemiologists (including this writer) are no exception.  
[Todas as ciências cometem equívocos, e a epidemiologia e os epidemiologistas (incluindo este escritor) não são exceção.]

Expande-se a ideia já sinalizada no *abstract*: o produtor do texto inclui os cientistas (e não apenas as ciências) como passíveis de cometer erros, bem como inclui os epidemiologistas (e não apenas a área da epidemiologia) como não constituindo exceção. Interessante notar que, entre parênteses, o autor inclui-se, ele próprio, na categoria de profissionais que também podem cometer erros, o que parece ser uma estratégia utilizada para isentar-se de interpretações que levem o leitor a considerar certa prepotência: identificar equívocos e apontar soluções podem render a imagem de que não se é atingido pela possibilidade de também cometer erros.

Vejamos agora o enunciado seguinte, cujo efeito argumentativo é o de reforço ao que foi afirmado anteriormente.

- (10) Epidemiological mistakes may maim **and** kill, **and** sometimes the toll can be massive.  
[Erros da epidemiologia podem mutilar e matar, e às vezes as perdas podem ser enormes.]

Nesse caso, retrata-se, no primeiro segmento, possibilidade – explicitada pelo verbo modal *may* – dos efeitos causados pelos erros cometidos em epidemiologia, ou seja, erros

que podem mutilar e matar. Aqui, o *and* parece abrigar teor de ênfase das consequências dos erros da epidemiologia, num sentido gradativo (mutilação e morte). Este segmento pode, então, ser interpretado da seguinte maneira:

- (11) Epidemiological mistakes may maim **and** (*even*) kill [...].  
[Erros da epidemiologia podem mutilar e (*até mesmo*) matar [...]]

No segundo segmento, expande-se o impacto dos efeitos: algumas vezes, o preço a se pagar (as vítimas, as perdas) pode ser alto, de modo que podemos cogitar a inserção de *therefore* (portanto), haja vista as mutilações e mortes representarem uma consequência importante a ser considerada.

- (12) [...] **and** (*therefore*) sometimes the toll can be massive.  
[[...] e (*portanto*) às vezes as perdas podem ser enormes.]

O que podemos observar, no exemplo (10), é a junção, por intermédio do *and*, de dois atos de fala, ou seja, reconhecimento dos efeitos possíveis dos equívocos da epidemiologia e posicionamento pessoal do locutor sobre essa constatação. Esse movimento perfaz comentário e avaliação dos efeitos ou consequências.

Na sequência do parágrafo, apresenta-se um exemplo atual desses efeitos – cuja remissão faz-se pelo anafórico *this* –, relacionado à terapia de reposição hormonal: *The contemporary exemplar of this is hormone replacement therapy (HRT), used by millions of women in the hope of reducing cancer and heart disease* (O exemplo contemporâneo disso é a terapia de reposição hormonal (TRH), utilizado por milhões de mulheres na esperança de reduzir o câncer e as doenças cardíacas). O enunciado seguinte, por sua vez, tece uma atenuação, caráter evidenciado pelo uso de *fortunately* (felizmente). Nesse enunciado, o autor pondera que os benefícios parecem compensar o dano: *Fortunately, the saving of life and health benefits arising from epidemiology, despite its mistakes, seem to outweigh the harm* (Felizmente, o salvamento de vidas e os benefícios para a saúde decorrentes da epidemiologia, apesar de seus erros, parecem compensar o dano). Nesse ponto de nossa discussão, menciona-se que, embora essas duas sentenças pareçam não estar diretamente ligadas ao sentido do *and*, elas denotam progressão textual que pode ser elucidativa à interpretação do conector nas ocorrências próximas. Por exemplo, parece que esta última sentença sob análise é construída como um “contrapeso” para os erros em epidemiologia, e, na sequência, como se pode ver em (13), o autor cita um exemplo disso (intenção explicitada pelo uso de *for example*), em que o *and* acrescenta informação que expande o exemplo dado.

- (13) The lives saved from epidemiological studies of tobacco, for example, possibly outweigh all our mistakes, **and** the information will save even more lives as tobacco control spreads globally, particularly in Asia.  
[As vidas salvas a partir de estudos epidemiológicos sobre tabaco, por exemplo, possivelmente, superam todos os nossos erros, e as informações vão salvar ainda mais vidas à medida que o controle do tabaco se espalha no mundo, particularmente na Ásia.]

No segundo segmento do enunciado acima, iniciado pelo *and*, promove-se a expansão do alcance de benefícios, tendo em vista que as informações fornecidas pela epidemiologia poderão salvar ainda mais vidas (*even more*: teor enfático), já que o controle ao tabaco



se espalha mundialmente, particularmente na Ásia. É possível, nesse exemplo, inserção de *also* após o *and*; porém, aqui não indicaria mera adição, mas uma expansão do que foi dito no primeiro segmento.

Finalmente, no último enunciado do parágrafo, o *and* liga dois verbos, e parece antes abrigar sentido conclusivo que propriamente aditivo:

- (14) This judgment, however, needs **and** (*therefore / for this reason*) deserves quantitative evaluation.  
[Esse julgamento, porém, precisa e (*portanto / por esta razão*) merece uma avaliação quantitativa.]

Percebe-se, no exemplo acima, relação estreita entre necessidade e mérito, materializada pelos verbos *need* e *deserve*, se considerarmos que a necessidade justificaria o mérito da avaliação, ou seja: se o julgamento *precisa* de avaliação quantitativa, logo, ele *merece* tal avaliação.

Os exemplos brevemente analisados acima mostram que o *and*, graças à sua aparente neutralidade e ao arranjo do ambiente linguístico (ou ao sentido do cotexto), permite que lhe sejam justapostos conectivos e porções textuais de teor adverbial, sendo que essas porções servem para orientar determinadas interpretações (às vezes, mais de uma em certas ocorrências). Pode-se dizer que, no texto em questão, o uso do *and* permite ao produtor não ser tão “explícito” na tessitura de seus enunciados e deixar outras interpretações possíveis a cargo do leitor.

## Considerações finais

Nas porções textuais aqui destacadas para exemplificação da análise, percebem-se formas de focalizar perspectiva analítica e de convencimento – portanto, com maior teor argumentativo. Esse enredo, bastante presente em áreas da ciência que buscam a conscientização, seja de comunidades atingidas pelos fenômenos estudados, seja da classe de pesquisadores envolvidos, geralmente é tecido de modo a incluir tom de subjetividade, e isso se compararmos com textos científicos em que se busca – supostamente – o máximo de objetividade.

É notória a recorrência ao *and* para demarcar posicionamento, dado que a mobilidade de sentidos ou mesmo a atribuição da responsabilidade ao leitor rende mais espaços para movimentos de persuasão, de argumentação, em se tratando de interlocução tradicionalmente marcada pela objetividade e pela deferência aos pesquisadores acionados pela pesquisa.

Na busca por procedimentos discursivos que sirvam para atingir essa finalidade, o conector *and* mostrou-se recurso produtivo, atrelado ao conteúdo das orações conectadas, flexível aos espaços de objetivos/intenções. Percebe-se, portanto, que, em se tratando de artigos científicos, e mediante o cuidado de não explicitação evidente de tomadas de posição, o *and*, por render maior flutuação de teor adverbial, conecta porções textuais variadas, nem sempre ajustadas a certos tipos de conectores, justamente porque algumas orientações argumentativas causam efeito por estarem implícitas.

Essas avaliações corroboram análises feitas em estudos anteriores, em que se considerou o *and* como uma espécie de receptor de diferentes nuances adverbiais, dependendo do cotexto e mesmo do contexto, e demarcador de implícitos, mediante o teor das porções textuais conectadas. A “neutralidade” designada ao *and* parece ser a responsável pela oscilação de sentidos das conexões estabelecidas, o que o usuário da língua percebe

facilmente, pois precisa constantemente estabelecer interlocução. No caso da presente pesquisa, assumimos que o leitor/pesquisador reelabora tais conexões a partir de seu ponto de vista e, assim, conscientemente ou não, acaba por assumir a responsabilidade pela construção de sentido do enunciado. Em outras palavras, as “lacunas” deixadas pelo *and*, pelo caráter de neutralidade que permite seu uso numa gama ampla de contextos, geram espaço para interpretações diversas por parte do interlocutor.

Na perspectiva que estamos tomando, mesmo o texto de teor científico carrega a possibilidade de o leitor reelaborar os sentidos do texto. A cada nova leitura, o leitor tem a possibilidade de revisar leituras, sentenciamentos, conclusões precipitadas ou mesmo gerar ênfases, algumas em relações adverbiais não muito bem delimitadas por parte do produtor do texto. Sendo assim, o enunciado ou texto não rende somente oscilação de sentido, mas rende mesmo tentativas de alcançar as expectativas do produtor quanto à interpretação do texto, e até mesmo tentativas de incutir no interior do texto interpretações mais particularizantes, muitas vezes distantes, talvez, das intenções primeiras do produtor do texto, mas possibilitadas por espaços vagos, insinuados, como os que são tecidos pelo *and*. Neste último caso, o tributo é do leitor em potencial ou não.

Assim, conforme tentamos mostrar aqui, as interpretações possíveis diante das relações estabelecidas pelo *and* permitem situar seu funcionamento no âmbito do espaço interpessoal – noção que emprestamos e ampliamos de Halliday (1970) e Halliday e Hasan (1987) –, ligado tanto às atitudes, avaliações e motivações do produtor do texto quanto ao processamento que o ouvinte/leitor faz do texto buscando atingir as expectativas ou intenções do produtor. Em outras palavras, se o espaço interpessoal pressupõe um locutor e um ouvinte, ou um produtor e um leitor, então tanto o primeiro (locutor/produtor do texto) tem no sistema linguístico os meios para expressar a representação de uma dada realidade – e pode fazê-lo de forma mais “explícita” ou menos “explícita” –, quanto o segundo (ouvinte/leitor) tem, nesse mesmo sistema linguístico, os meios para elaborar uma representação do que ouve ou lê, na busca de capturar as avaliações e motivações de quem fala ou escreve.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHOPAL, R. Seven mistakes and potential solutions in epidemiology, including a call for a World Council of Epidemiology and Causality. *Emerging Themes in Epidemiology*, Edinburgh, v. 6, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.ete-online.com/content/6/1/6>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CAMACHO, R. G. Estruturas coordenativas aditivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.), *Gramática do português falado*. Vol. VII. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 351-406.

CORBARI, C. C. *Um estudo da conjunção ‘and’ em uma gramática de inglês para estudantes estrangeiros*. 126f. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

\_\_\_\_\_; SELLA, A. F. And-constructions: degrees of linearity. *Revista da ANPOLL*, Brasília, v. 22, p. 51-68, 2007.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

- GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. Language structure and language function. In: LYONS, J. (Ed.), *New Horizons in Linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1970. p. 140-165.
- \_\_\_\_\_; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1987.
- KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- PENHAVEL, E. *Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso*. 132p. 2005. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.
- \_\_\_\_\_. A multifuncionalidade do conectivo *e*. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 35, p. 647-656, 2006.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S. *A university grammar of English*. 18. ed. London: Longman, 1987.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.